

s

s

o

e

p

14 de dezembro

14 DE DEZEMBRO,
DOMINGO, 18H00

Estação Motiva Cultural

Augustin Hadelich VIOLINO

GEORG PHILIPP TELEMANN [1681-1767]

Fantasia para violino solo n° 8 em Mi maior, TWV 40:21 [1735]

1. PIACEVOLMENTE
2. SPIRITUOSO
3. ALLEGRO

5 MINUTOS

COLERIDGE-TAYLOR PERKINSON [1932-2004]

Louisiana blues strut: A cakewalk [2000]

3 MINUTOS

COLERIDGE-TAYLOR PERKINSON [1932-2004]

Blue/s forms [1972]

1. PLAIN BLUE/S
2. JUST BLUE/S
3. JETTIN' BLUE/S

7 MINUTOS

EUGÈNE YSAÿE [1858-1931]

Sonata n° 5 em Sol maior, Op. 27 [1923]

1. L'AURORE
2. DANSE RUSTIQUE

10 MINUTOS

GEORG PHILIPP TELEMANN [1681-1767]

Fantasia para violino solo n° 7 em Mi bemol maior, TWV 40:20 [1735]

1. DOLCE
2. ALLEGRO
3. LARGO
4. PRESTO

7 MINUTOS

NICOLÒ PAGANINI [1782-1840]

Capriccio n^o 19 em Mi bemol maior [1802-1817]

3 MINUTOS

NICOLÒ PAGANINI [1782-1840]

Capriccio n^o 16 em sol menor: Maestoso [1802-1817]

2 MINUTOS

INTERVALO DE 20 MINUTOS

JOHANN SEBASTIAN BACH [1685-1750]

Partita n^o 2 em ré menor, BWV 1004 [1717-1720]

1. ALLEMANDA

2. CORRENTE

3. SARABANDA

4. GIGA

5. CIACCONA

28 MINUTOS

GEORG PHILIPP TELEMAN

MADEBURGO, ALEMANHA, 1681 – HAMBURGO, ALEMANHA, 1767

Fantasia para violino solo nº 8 em Mi maior, TWV 40:21 [1735]

Fantasia para violino solo nº 7 em Mi bemol maior, TWV 40:20 [1735]

Georg Philipp Telemann foi um polímata hiperprodutivo. Entre muitas atividades, escreveu poesias, lecionou música, compôs copiosamente e contribuiu de maneira decisiva para a profissionalização do músico e para o avanço da teoria musical e do mercado de publicações de partitura. O conjunto vertiginoso de sua obra reúne bem mais de 3000 composições, o que o torna o mais prolífico criador musical de seu tempo. Sua linguagem é de apreensão imediata, e sua escrita, sem impor enormes dificuldades técnicas, dá vazão a uma imaginação musical que, em sua época, encantava tanto o músico doméstico e amador quanto os mais habilidosos artistas abrigados em cortes e igrejas.

As 12 *Fantias para violino solo*, TWV 40: 14-25, foram publicadas em 1735. O termo escolhido para o título buscava abranger a heterogeneidade dos três ou quatro movimentos que compunham cada uma das fantasias. Como um todo, o conjunto reúne danças típicas vigorosas ou aprazivelmente galantes, movimentos de estonteante velocidade, episódios majestosos e passagens levemente contrapontísticas. Predominantemente curtos, os movimentos se atêm, sem exceção, à comunicação direta das ideias e prezam por uma ornamentação econômica, que torna mais nítida sua paleta expressiva. Nesse sentido, a *Fantasia nº 7* percorre com nobre graça um caminho que vai do levemente nostálgico ao ligeiramente ansioso, do “Dolce” do primeiro movimento — que evoca o início do primeiro movimento da *Fantasia nº 1* — ao “Presto” final. Entre esses extremos, o contraste entre um “Allegro” e um “Largo”. A *Fantasia nº 8*, por sua vez, combina gracejo e vigor. Ao primeiro movimento “Piacevolmente” [Prazenteiramente] declamado, segue-se com enérgico e vibrante charme o “Spirituoso” segundo movimento que, por fim, culmina no “Allegro” cuja melodia circular conduz uma dança que não se deixa interromper em seu fluxo contínuo.

Igor Reis Reyner

ESCRITOR, PESQUISADOR E PIANISTA. DOUTOR EM LETRAS PELO KING'S COLLEGE LONDON. AUTOR DO LIVRO CORPO SONORO & SOUND BODY (IMPRESSÕES DE MINAS, 2022).

COLERIDGE-TAYLOR PERKINSON

NOVA YORK, ESTADOS UNIDOS, 1932 – CHICAGO, ESTADOS UNIDOS, 2004

Louisiana blues strut: A cakewalk [2002]

Blue/s forms [1972]

A barra no título de *Blue/s forms* — que também figura nos títulos de seus três movimentos — joga com o sentido, ao sugerir tanto formas do gênero musical blues quanto matizes de azul. A obra, composta em 1979 para o violinista Sanford Allen, exemplifica a prática bem-sucedida de Coleridge Perkins — como é mais conhecido nos Estados Unidos — de compor tendo em mente um intérprete específico. Estreada no Carnegie Hall por seu dedicatário, *Blue/s forms* traz três movimentos compostos a partir da corda Sol, a corda solta mais grave do violino, sobre a qual ele cria esquemas de blues, com a famosa *blue note* que dá o som característico do gênero.

“Azul puro” ou “Puro blues”, o primeiro movimento é como uma canção improvisada numa gaita chorosa, mas cantante. Como um eco, “Somente azul” ou “Somente blues”, deve ser tocado “muito livremente”, numa sonoridade



O compositor Coleridge-Taylor Perkinson.



Um passo de *cakewalk* (ca. 1903).

velada que faz com que soe como uma espécie de lembrança do primeiro movimento ou de uma antiga canção de blues há muito ouvida. Entre o dançante e o estonteante, o movimento final jorra blues ao se inspirar num fenômeno atmosférico raro, o jato azul, que consiste numa descarga elétrica que é disparada por uma nuvem carregada como um raio em direção ao espaço, e não ao solo, criando um fascinante efeito raramente observado.

Perkinson revisitaria o conceito de *Blue/s forms* anos mais tarde, em 2001, quando compôs *Louisiana blues strut: A cakewalk*. Inicialmente, a obra fora pensada como uma espécie de sequência para sua suíte dos anos 1970. Porém, como confessa Coleridge Perkinson: “Eu simplesmente não tinha a cabeça no mesmo lugar”. *Louisiana blues strut* acabou permanecendo como uma obra independente, ainda que seja audível a relação com a suíte que a antecedeu. Um moderno *cakewalk*, a peça faz alusão a um conjunto de danças estilizadas que ficaram populares entre os escravizados das plantações do Sul dos Estados Unidos. Nessas danças caricaturalmente formais, paródias das práticas culturais dos brancos escravagistas, casais dançavam desfilando ou em círculo, numa competição cujo vencedor ganhava um bolo; donde o nome *cakewalk*.

Igor Reis Reyner

EUGÈNE YSAË

LIÈGE, BÉLGICA, 1858 – BRUXELAS, BÉLGICA, 1931

Sonata nº 5 em Sol maior, Op. 27 [1923]

Por sete anos, o violinista belga Eugène Ysaë deu aulas de violino para a rainha Élisabeth da Bélgica. Em homenagem e retribuição, a rainha criou, em 1937, o Concours Eugène Ysaë, certame que seria relançado em 1951 sob o nome Concours Reine Élisabeth, e se tornaria um dos mais importantes concursos instrumentais do mundo. Ao exigir sempre como peça de confronto de violino uma das *Seis sonatas para violino sem acompanhamento*, Op. 27, de Ysaë, o concurso salvaguardou sua memória não apenas como o lendário violinista que foi, mas também como um compositor ousado.



Eugène Ysaë em 1883.

Considerado o “pai do violino moderno”, Ysaÿe estudou com os lendários Wieniawski e Vieuxtemps, criou com Raoul Pugno o modelo de concerto de sonatas para piano e violino, e estreou obras como a *Sonata para violino e piano* de César Franck ou o *Quarteto de cordas* de Debussy. Afastando-se dos grandes violinistas do século XIX, criou uma concepção de interpretação fundindo liberdade criativa, rigor técnico e poderio sonoro. Sagrou-se, assim, violinista-modelo para uma legião de virtuosos colegas, como Flesch, Kreisler, Thibaud, Enescu e tantos outros.

Suas *Sonatas para violino* foram compostas em 1923 e 1924. Célebres pela dificuldade e pelos usos inovadores do instrumento, são uma resposta moderna às *Sonatas e partitas para violino solo* de Bach. Cada uma de suas seis sonatas é dedicada a um virtuoso do violino amigo seu. Sua dedicatória, porém, vai muito além da convencional citação. Cada sonata referencia e reverencia a personalidade e as qualidades de seus dedicatários, se inspirando não apenas no modo de tocar de cada um deles, mas também nos repertórios que gostavam e nas memórias que construíram juntos.

A *Sonata nº 5 em Sol maior* é dedicada ao violinista belga Mathieu Crickboom, seu pupilo dileto no Conservatório de Bruxelas. Segundo violino do Quarteto Ysaÿe, Crickboom foi também grande pedagogo e autor de diversos métodos para o violino. É com eles — por exemplo, com o exercício nº 51 do primeiro volume de *A técnica do violino*, de Crickboom — que Ysaÿe joga ao derivar parte do material musical de sua sonata de exercícios intervalares e de escalas. Para Antoine Ysaÿe, filho do compositor, a *Sonata nº 5* tem um caráter mais “pensativo, mais elegíaco”. A sonoridade pastoral de fato dialoga com os títulos de seus dois movimentos: “A aurora” e “Dança rústica”. É, para Michel Stockhem, com “suave rigor” que a obra conjura de maneira impressionista a vibratilidade das paisagens rurais belgas, atravessadas pelas gaitas de fole e as danças camponesas.

Igor Reis Reyner

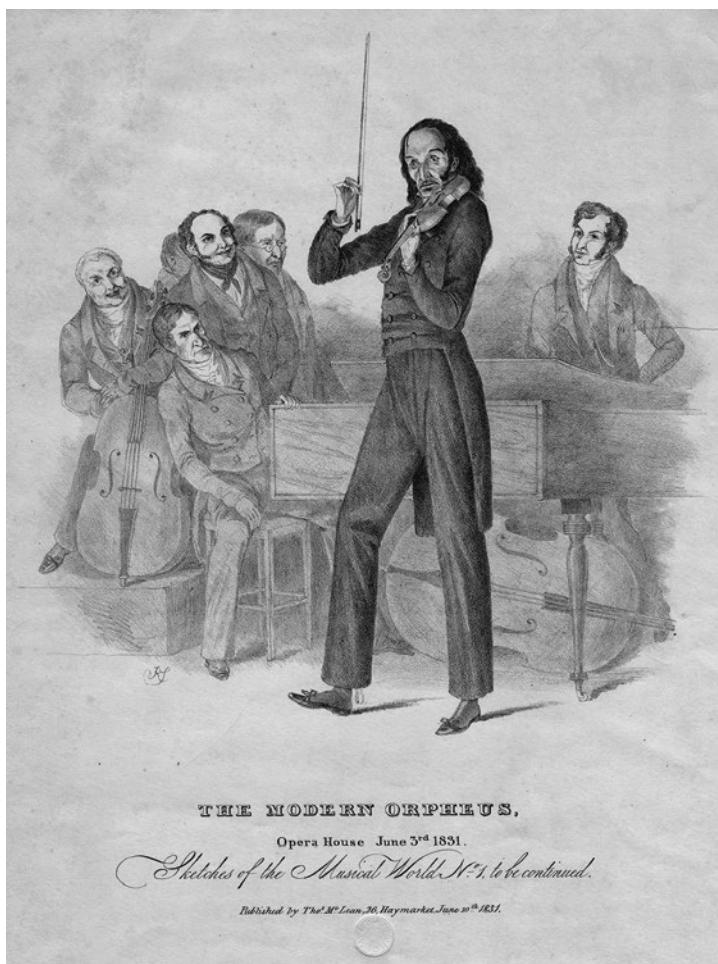
NICOLÒ PAGANINI

GÊNOVA, ITÁLIA, 1782 – NICE, ITÁLIA, 1840

Capriccio n° 19 em Mi bemol maior [1802-1817]

Capriccio n° 16 em sol menor: Maestoso [1802-1817]

Na história da música de concerto, Paganini e virtuose tornaram-se sinônimos. Afinal, o violinista demonstrou técnica e interpretação tão espantosas que logo se difundiu a tese de que havia feito um pacto com o demônio ou era por ele possuído ao tocar. Sua personalidade magnética e sedutora só reforçou sua imagem mitológica, popularizada através de turnês até então inauditas em termos de arrecadação, número de apresentações e pluralidade de localidades.



THE MODERN ORPHEUS.

Opera House June 3rd 1831.

Sketches of the Musical World N° 3. to be continued.

Published by The M^r Lean, 36 Haymarket, June 10th 1831.

Paganini toca o “cannone” [canhão], violino construído em Cremona em 1743 pelo luthier Bartolomeo Giuseppe Guarneri.

Quando publicou seus *24 Caprichos para violino solo*, Op. 1, em 1820, Paganini ainda realizava sua primeira grande turnê, pela Itália. “Compostos e dedicados aos artistas”, eles não haviam sido pensados para o palco, sendo concebidos como imaginativos estudos. De imediato, foram considerados intocáveis, afinal, neles a fantasia se expressa aos caprichos de um virtuosismo até então sem paralelos. Ao nomear suas desafiadoras miniaturas, é possível que o compositor tivesse em mente Pietro Locatelli [1695–1764], que se valera do termo italiano *capriccio* [capricho] para indicar as seções virtuosísticas dos movimentos externos dos 12 concertos para violino solo de *L'arte del violino*, Op. 3 [1733].

O termo *capriccio*, desde sua primeira ocorrência em um livro de madrigais de Jacquet de Berchem, em 1561, é usado com grande flexibilidade. Furetière, em seu *Dicionário universal* [1690], definiria *capricho* como um gênero de “peças musicais, poesias ou pinturas mais bem-sucedidas pela força da imaginação do que pela observância das regras da arte”. De fato, na música, obras com esse nome tendem a expressar com extravagante liberdade tanto o fantasioso quanto o primoroso, amiúde de maneira obstinada, mas sempre ao sabor das vontades de seu criador. Depois de Paganini, todavia, esse gênero livre se atrelaria à uma dimensão da qual apenas em raras ocasiões se apartaria: o virtuosismo. Assim, não serão apenas os temas de Paganini — como o do *Capricho n° 24* — mas também sua noção de virtuosismo como motor da imaginação que levarão à criação, por uma legião de compositores românticos e modernos, de novos caprichos, estudos, rapsódias e variações.

Igor Reis Reyner

JOHANN SEBASTIAN BACH

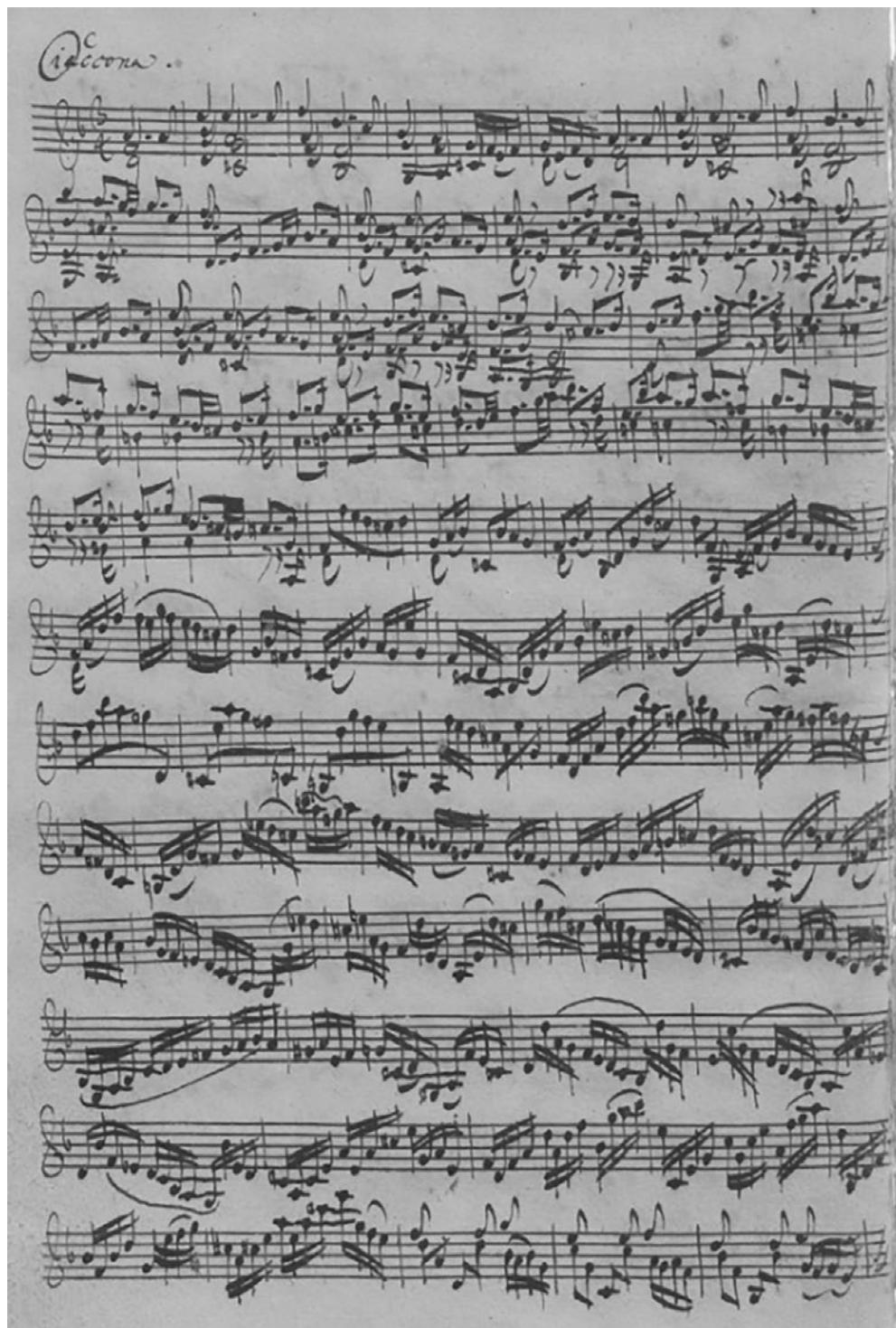
EISENACH, ALEMANHA, 1685 – LEIPZIG, ALEMANHA, 1750

Partita nº 2 em ré menor, BWV 1004 [1717-1720]

As três sonatas e as três partitas para violino solo foram provavelmente escritas quando Bach estava empregado como regente da orquestra de Anhalt-Köthen, a serviço do príncipe Leopold, que tinha especial predileção por música instrumental. Não há registros precisos sobre quem as teria estreado — talvez o principal violinista da orquestra. Sabe-se, porém, que Bach, além de dominar os teclados como ninguém, era considerado um bom violinista. O próprio príncipe era um instrumentista de méritos reconhecidos e, se chegou a executar essas peças, sua desenvoltura técnica devia ser notável: elas são sofisticadas, complexas, intensas.

Apesar de derivado do italiano *partire* [dividir], o termo *partita*, no Barroco, designa uma forma musical estruturada como uma suíte, geralmente associada à música francesa. Diferentemente das sonatas, que costumam seguir um esquema formal baseado no contraste entre temas e no desenvolvimento de motivos, com movimentos lentos e rápidos alternados, as partitas organizam-se como uma sequência de danças estilizadas, cada qual com seu próprio caráter e sua métrica específica. Embora a sofisticação técnica esteja igualmente presente em ambas as formas, nas partitas, Bach concentra-se na elevação de formas dançantes tradicionais a um nível de arte pura que transcende completamente sua função original.

Quando Bach escolheu o formato solo para essa coleção, estava se aventurando em terreno quase inexplorado. Imagine a ousadia: criar música grandiosa para um único instrumento de forma que ele seja capaz de prender a atenção do ouvinte por longo tempo sem a ajuda de acompanhamento. E não qualquer música, mas algumas das páginas mais emocionantes jamais escritas. Antes de Bach, poucos compositores tinham se arriscado seriamente nesse território. Heinrich Biber havia escrito algumas peças muito interessantes, assim como Johann Paul von Westhoff, um dos maiores violinistas da época, que em 1696 publicou seis belas partitas para violino solo, que Bach conheceu quando ainda era adolescente. Mas nenhuma dessas obras é comparável em ambição e realização ao ciclo extraordinário concebido por Bach.



Partitura autógrafa da *Partita n° 2 em ré menor, BWV 1004* [1720], por J. S. Bach.

A *Partita n^o 2* é tida como uma das obras mais importantes da música ocidental, principalmente devido à sua chacona final, escrita, segundo alguns musicólogos, sob o impacto da morte de Maria Barbara, primeira esposa de Bach. Construída sobre um baixo ostinato — uma sequência de acordes que se repete —, ela se desenvolve através de uma série de variações que se sucedem como ondas, cada uma revelando novas facetas do tema aparentemente simples. A partita como um todo — abrindo com uma “Allemanda” solene, seguida de uma “Corrente” virtuosística, uma “Sarabanda” introspectiva, uma “Giga” energética e culminando na épica “Ciaccona” — representa uma jornada emocional completa, do lamento mais sentido à mais sublime epifania espiritual.

O que torna essas partitas para violino verdadeiramente icônicas é a demonstração definitiva de que um único instrumento pode oferecer toda a riqueza emocional e intelectual que esperamos da grande música. Elas não são apenas exercícios de virtuosismo — embora sejam tremendamente desafiadoras tecnicamente — mas verdadeiros marcos formativos para o intérprete. Três séculos depois, continuam a ser descobertas e redescobertas por cada nova geração de músicos e ouvintes, sempre revelando novas camadas de significado e beleza.

Laura Rónai

FLAUTISTA, É PROFESSORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. COORDENADORA DA ORQUESTRA BARROCA DA UNIRIO.



Augustin Hadelich VIOLINO

Augustin Hadelich recebeu o Grammy de 2016 com *L'arbre des songes*, de Henri Dutilleux, na categoria de Melhor Solo Instrumental Clássico, além de ter sido eleito “Instrumentista do Ano” de 2018 pela revista *Musical America*. Já se apresentou com a Orquestra Nacional da França, as Filarmônicas de Berlim, Londres e Seul, a Orquestra do Concertgebouw de Amsterdam e a Sinfônica da NHK de Tóquio. É docente da Universidade Yale desde 2021 e doutor *honoris causa* pela Universidade de Exeter [2017]. Em 2019, lançou os concertos de Brahms e Ligeti, seu segundo álbum como artista exclusivo da Warner Classics. Sua gravação de *Sonatas e Partitas* de Bach foi indicada ao Grammy, e ele recebeu o Prêmio Opus Klassik em 2021 por *Bohemian tales*, com o concerto para violino de Dvorák. Já se apresentou como solista em países como Itália, Alemanha, França, Países Baixos e Estados Unidos. É convidado frequente da BBC Proms e de festivais de cidades como Aspen, La Jolla, Verbier, Tsinandali, Bucareste e Salzburgo. Toca um violino Giuseppe Guarneri del Gesù, de 1744, conhecido como “Leduc, ex Szeryng”, emprestado pelo Tarisio Trust.

Governo do Estado de São Paulo

GOVERNADOR
Tarcísio de Freitas

VICE-GOVERNADOR
Felicio Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

SECRETÁRIA DE ESTADO
Marilia Marton

SECRETÁRIO EXECUTIVO
Marcelo Henrique Assis

SUBSECRETÁRIO
Daniel Scheiblich Rodrigues

CHEFE DE GABINETE
Viccenzo Carone

DIRETORA DE DIFUSÃO, FORMAÇÃO E LEITURA
Jenipher Queiroz de Souza

DIRETORA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
Mariana de Souza Rolim

DIRETORA DE FOMENTO À CULTURA, ECONOMIA E
INDÚSTRIA CRIATIVAS
Liana Crocco

CHEFE DE ASSESSORIA DE MONITORAMENTO E
GOVERNANÇA DE DADOS CULTURAIS
Marina Sequotto Pereira

Fundação Osesp

PRESIDENTE DE HONRA
Fernando Henrique Cardoso

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Pedro Pullen Parente PRESIDENTE
Stefano Bridelli VICE-PRESIDENTE
Ana Carla Abrão Costa
Célia Kochen Parnes
Luiz Lara
Marcelo Kayath
Mario Engler Pinto Junior
Mônica Waldvogel
Ney Vasconcelos
Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO
Fernando Henrique Cardoso PRESIDENTE

Celso Lafer
Fábio Colletti Barbosa
Horacio Lafer Piva
Pedro Moreira Salles

DIRETOR EXECUTIVO
Marcelo Lopes

SUPERINTENDENTE GERAL
Fausto A. Marcucci Arruda

SUPERINTENDENTE DE
COMUNICAÇÃO E MARKETING
Mariana Stanisci

CONHEÇA TODA A EQUIPE EM:
FUNDACAO-OSESP.ART.BR/FOSESP/PT/SOBRE



Estação Motiva Cultural

O novo ponto de embarque para arte e cultura na cidade

Inaugurada em 25 de janeiro de 2025, a Estação Motiva Cultural, localizada no Complexo Cultural Júlio Prestes, é um novo espaço que amplia a oferta cultural no centro histórico da cidade de São Paulo.

Gerida pela Fundação Osesp em parceria com o Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas, e com patrocínio institucional do Grupo Motiva, via Lei Federal de Incentivo à Cultura, a estação foi transformada em sala de espetáculos mantendo sua identidade histórica.

O projeto arquitetônico preserva a essência do prédio ferroviário e incorpora estruturas móveis para maior flexibilidade. O espaço receberá música, teatro, dança e eventos educativos, conectando história e modernidade para o público paulistano.



Saiba mais sobre a programação
da Estação Motiva Cultural

Próximos concertos

18, 19 e 20 de dezembro
20 DE DEZEMBRO [TRANSMISSÃO AO VIVO]

Sala São Paulo

Osesp

Thierry Fischer REGENTE

Augustin Hadelich VIOLINO

Obras de Francisco Braga, Max Bruch e Pyotr Ilyich Tchaikovsky.

Algumas dicas

Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.

Entrada e saída da Estação Motiva Cultural

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago.

Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim.

Comidas e bebidas

O consumo não é permitido no interior da Estação Motiva Cultural. Conheça nossa área destinada a isso.

Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.



Agenda completa e ingressos

Acesso à Sala

Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.

Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.



Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em:
<https://salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja>

WWW.SALASAOPAULO.ART.BR

">@SALASAOPAULO_

/SALASAOPAULO

/SALASAOPAULODIGITAL

@SALASAOPAULO

ESCUTE AS PLAYLISTS DA SALA

APPLE MUSIC

WWW.FUNDACAO-OSESP.ART.BR

/COMPANY/FUNDACAO-OSESP/

P. 5 O COMPOSITOR COLERIDGE-TAYLOR PERKINSON.

DIVULGAÇÃO

P. 6 UM PASSO DE CAKEWALK (CA. 1903). DOMÍNIO PÚBLICO

P. 7 EUGÈNE YSAËE EM 1883. DOMÍNIO PÚBLICO

P. 9 PAGANINI TOCA O “CANNONE” [CANHÃO], VIOLINO

CONSTRUÍDO EM CREMONA EM 1743 PELO LUTHIER

BARTOLOMEO GIUSEPPE GUARNERI. DOMÍNIO PÚBLICO

P. 12 PARTITURA AUTÓGRAFA DA PARTITA Nº 2 EM RÉ MENOR,

BWV 1004 [1720], POR J. S. BACH. DOMÍNIO PÚBLICO

P. 14 AUGUSTIN HADELICH. ©SCHMIDT ARTIST INTERNATIONAL

Uma orquestra,
infinitas emoções.

o | s | e | s | p

Assine a
Temporada 2026



Pacotes a partir
de R\$ 200,00
em osesp.art.br

Na identidade visual da Osesp, cada cor da paleta leva o nome de um sentimento.

Nesta capa, usamos alívio, inspirada nos sofrimento, luta, devoção, luto, triunfo e resignação expressos em “Ciaccona”, de *Partita nº 2 em ré menor, BWV 1004*, de Johann Sebastian Bach.



REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura

